

JUSTIFICATIVA AO PDL 85/2011

Armênio Guedes nasceu na cidade de Mucugê, na Bahia em 30/05/1918. Recém matriculado na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia entrou para o Partido Comunista Brasileiro, participando de todos os movimentos políticos que marcaram a história do Brasil nos últimos 70 anos. Deixou o PCB em 1983, mas continuou como grande referência da chamada esquerda democrática, reformista, que defende a Democracia como valor essencial e objetivo central da luta política.

Já nos anos 30, quando Armênio começou a sua militância partidária, entrar no Partido Comunista, mais do que lutar contra as desigualdades sociais, significava fazer parte de uma grande frente democrática anti-fascista. Como defensor da democracia com um fim e não apenas um meio para conquistar o poder, Armênio Guedes esteve sempre na trincheira contra o dogmatismo e posturas totalitárias. Inclusive quando viveu na União Soviética para tratamento de saúde, no início dos anos 50.

Armênio Guedes Armênio viveu alguns e longos períodos em São Paulo, começando em 1941, quando saiu da Bahia para rearticular o PCB na cidade. Instalou-se na rua Mourato Coelho, em Pinheiros, próximo à editora Cultura, onde foi trabalhar.

Na época, organizou um comício de apoio à Declaração de Guerra contra o eixo, no então largo da Sé, com a participação da frente anti-facista.

Como membro do PCB foi secretário particular de Luis Carlos Prestes, assessor parlamentar dos deputados ligados ao PCB em 1956 e dirigiu revistas e jornais de orientação comunista.

Nos primeiros anos do regime militar, Armênio Guedes posicionou-se pela luta democrática internamente no PCB e na relação com segmentos organizados da sociedade. É de sua autoria o conhecido "Documento da Guanabara", embrião da posição do Partido Comunista contra a luta armada como meio de derrubar a ditadura, conforme indica o trecho abaixo:

"Cabe aqui, finalmente, uma observação especial sobre a situação das esquerdas dentro da oposição. Para essas forças, a pior consequência da inflexão dos movimentos revolucionários pequeno-burgueses, que não souberam recuar ante o avanço da contra-revolução, passando do radicalismo verbal às situações de desespero e aventura. Iniciaram essas correntes uma série de atos que se explicam, antes de tudo, pela sua incapacidade para enfrentar a tarefa de reestruturar o movimento das massas nas condições difíceis criadas pelo avanço da repressão fascista. Os assaltos a bancos, os golpes de mão e outras formas de ação postas em prática por pequenos grupos desligados das massas, enfim, o emprego indiscriminado da violência, embora compondo objetivamente o quadro da oposição, não deixam, apesar de seu suposto caráter revolucionário, de desservir à resistência e de dificultar a organização da frente única de massas contra a ditadura. Em uma palavra, enfraquecem a oposição.

O trabalho paciente, cauteloso e demorado de organização da classe operária e do povo, de sua preparação para enfrentar uma luta prolongada, se assim for preciso, que constitui para o nosso Partido uma alta virtude revolucionária, não passa, para aqueles grupos, de um pecado mortal oportunista.

"É esse o quadro da oposição. Quadro que explica porque a ditadura, apesar de suas fraturas e instabilidade, ainda encontra meios e formas para avançar no processo de fascistização. Quadro que se modificará, com maior ou menor ritmo, a partir do momento em que o processo político, permitindo uma reflexão mais profunda da

oposição sobre a sua experiência, indique-lhe a maneira de usar sua imensa potencialidade para organizar os combates e a batalha final contra a ditadura”.

Foi para o Chile no início dos anos 70, onde seu comportamento agregador acabou por torná-lo uma espécie de coordenador das ações de resistência contra a ditadura no Brasil, articuladas pelos exilados brasileiros que já então se dividiam em diversos grupos de esquerda. Amigo pessoal do poeta Ferreira Gullar, também no Chile, conviveu com o ex-governador José Serra, o senador Aloysio Nunes Ferreira e dezenas de exilados que encontraram abrigo do governo chileno.

No golpe que derrubou o presidente Salvador Allende, em 11 de setembro de 1974, Armênio estava na União Soviética, participando de uma reunião do Comitê Mundial da Paz. Foi dali para a França, onde reiniciou o trabalho de resistência contra a ditadura brasileira junto a outros brasileiros, também asilados em Paris.

Em sua permanente luta pela Democracia, Armênio Guedes conviveu com grandes personagens do Brasil e do mundo no século 20, como. Salvador Allende, Enrico Belinguer.

Armênio voltou ao Brasil em 1981, onde retomou a luta política e a carreira de jornalista profissional, iniciada nos anos 40 na Associated Press. Trabalhou na Isto É e Gazeta Mercantil. Hoje é assíduo funcionário da Imprensa Oficial, apesar de seus 93 anos.

Como jornalista, além dos veículos oficiais do PCB, trabalhou na revista Isto É e Gazeta Mercantil. Hoje é funcionário assíduo da Imprensa Oficial.

Essa é a trajetória de vida de um verdadeiro representante da política nacional, motivo pelo qual, desejo conferir-lhe o Título de Cidadão Paulistano.”